

Como podíamos estudar, dentro de um lago, qualquer um dos seus problemas especiais para ganhar um melhor conhecimento do funcionamento do lago como um inteiro, assim podemos também escolher as águas naturais de uma dada região como ponto de partida na tentativa de chegar a uma melhor compreensão do caráter geral e das condições naquela região mesma.

As condições para tais tentativas, de chegar a uma compreensão melhor de uma região natural inteira, baseadas em estudos limnológicos das suas águas naturais, são especialmente favoráveis na Amazônia. Pois, na região amazônica, trata-se, de um lado, de uma área bem definida e de caráter especial muito diferente das zonas circundantes, e, de outro lado, existem, nesta região de floresta pluvial equatorial, águas naturais em abundância e em tôdas as partes.

Para tal finalidade, não são os lagos que oferecem os melhores objetos a serem estudados, mas são as águas correntes, os rios e os igarapés. Enquanto que os lagos apresentam-se como corpos mais ou menos autônomos, nos quais, mesmo tendo recebido a sua morfologia, o teor em sais minerais e nutritivos, as condições físicas de temperatura etc. pelo ambiente, ocorrem processos que fazem de cada um deles um „microcosmo“, para usar a palavra clássica de FORBES, as águas correntes são quase por completo somente produtos do ambiente terrestre, dependentes da paisagem circundante, especialmente da das cabeceiras, da qual recebem os produtos finais do metabolismo da mesma, a fim de eliminá-los dela. Representam as águas correntes, desta forma e sob aspecto fisiológico, para assim dizer, a „urina da paisagem“.

É claro que, pela análise qualitativa e quantitativa, nas águas correntes, dos produtos finais do metabolismo de uma paisagem, podem-se tirar conclusões sobre pelo menos algumas particularidades do funcionamento inteiro, quer dizer, da Ecologia dela. E é uma circunstância favorável para o nosso fim, que, na Amazônia, há justamente águas correntes em abundância, enquanto que verdadeiros lagos, a não ser as lagoas marginais de muitos rios com planícies de aluviões (várzeas), são de fato ausentes em toda a região.

O zoólogo suíço HANS BLUNTSCHLI, que trabalhou na Amazônia em 1912, já compreendera esta vasta região como um „organismo harmônico“ cujo caráter é determinado pela ação comum dos fatores vento e planície, floresta e água, de maneira que „tudo deve estar sob a sua influência, do ser vivo o mais diminuto até o modo de viver do homem“ (BLUNTSCHLI, Sem ano, p. 12).

Escolhemos, pois, as águas da Amazônia como objeto de estudos, não para resolver problemas específicos de quaisquer águas, mas para nos aproximar a uma compreensão das peculiaridades da Amazônia, baseando-nos naquilo que as águas nos podem relatar.

Já a geologia da Amazônia demonstra a importância que a água teve na formação desta região, como um mapa geológico da Amazônia pode facilmente ilustrar (fig. nº 2).

Já no início do Paleozóico, a região, que hoje é ocupada pela bacia amazônica, foi coberta por um grande golfo do mar, do Oceano Pacífico, aberto para o oeste, limitado no norte e no sul pelos maciços das Guianas e do Brasil Central, respetivamente, e fechado no leste. Perdurou este golfo do mar pelo Paleozóico inteiro, e encontramos os seus vestígios hoje nas faixas de sedimentos marinhos daquela época geológica que limitam a depressão da baixa Amazônia no norte como no sul e os quais, em baixo de uma capa de sedimentos posteriores, encheram a mesma numa espessura de até mais de